

Antracologia e Megalitismo na região Corgo / Tua (NE Portugal): as mamoas da Alagoa e do Castelo.

Isabel Figueiral¹

ABSTRACT:

Charcoal analysis results from two megalithic monuments, situated in north-eastern Portugal, are presented. The abundance of heathers, light demanding plants, is particularly striking. This contrasts with local present-day vegetation, and testifies to the existence of open areas, devoid of an important arboreal cover. The identification of *Pinus tipo sylvestris* and *Taxus baccata*, nearly extinct in Portugal, is also noted.

I. INTRODUÇÃO

A análise dos fragmentos de carvão vegetal recolhidos em contexto arqueológico fornece-nos informações de carácter paleoecológico (flora e vegetação) e paleo-etnológico (relação homem / plantas) necessárias a uma melhor compreensão da vida das populações humanas que nos precederam. As informações paleoecológicas mais relevantes são fornecidas pelo estudo dos carvões dispersos nos sedimentos de sítios de habitat, resultantes de uma deposição efectuada durante um espaço de tempo relativamente longo. Nos povoados, as informações de ordem etnológica são obtidas através do estudo dos carvões concentrados em estruturas específicas (ex: lareiras, fossas).

O estudo de material proveniente de monumentos megalíticos suscita questões particulares, no que diz respeito à metodologia e à interpretação dos dados obtidos (VERNET e FIGUEIRAL 1993; ZAPATA e FIGUEIRAL, 2003). Por um lado, trata-se de estruturas de carácter funerário, impregnadas de religiosidade e simbolismo, e erigidas não só para os mortos mas igualmente para os vivos, que as utilizam como local de culto dos antepassados. Os carvões encontrados *in situ* podem ter sido depositados antes da erecção do monumento, durante a sua construção, aquando da primeira utilização ou durante reutilizações posteriores. Em alguns casos, os carvões poderão ter sido trazidos de outros locais (incorporados por exemplo em sedimentos a utilizar na construção do monumento).

Neste aspecto, as mamoas da Alagoa e do Castelo são dois monumentos excepcionais. O abundante material recolhido resulta sobretudo de queimadas intencionais realizadas "in situ" durante a construção, ou durante o encerramento deliberado dos monumentos. O controle cronológico é igualmente efectivo, graças ao número elevado de datas ¹⁴C efectuadas. Das amostras estudadas apenas as da câmara da mamoa da Alagoa poderão ser anteriores à construção do monumento (ver SANCHES e NUNES, 2004, nesta mesma revista).

¹ Centre de Bio-Archéologie et d'Ecologie, Institut de Botanique, 163 Rue A. Broussonet, 34090 Montpellier, France

II. INSERÇÃO BIOGEOGRÁFICA

Os monumentos estão situados na freguesia de Jou, concelho de Murça, distrito de Vila Real e implantados a altitudes similares: Mamoá da Alagoa (733m altitude). Mamoá do Castelo (709m altitude). Estamos aqui numa zona de contacto entre três serras: Passos (a leste), Garraia (a sul) e Padrela (a oeste).

Segundo a Carta Biogeográfica de Portugal (COSTA *et al.*, 1999) a zona onde as mamoas estão implantadas está inserida actualmente na

Região Mediterrânica,
 Sub-região Mediterrânica ocidental
 Superprovincia Mediterrânico-Iberoatlântica
 Provincia Carpetano Ibérico Leonesa
 Sector Lusitano Duriense
 Superdistrito da Terra Quente

com um ombroclima variando entre o sub-húmido a seco, uma litologia dominada pelos xistos e pelos afloramentos quartzíticos no cimo das encostas, e uma vegetação potencial de (1) bosques mixtos de sobreiros e zimbrós (*Rusco aculeati-Quercetum suberis juniperetosum oxycedri* inéd), (2) bosques edaxerófilos de azinheira (*Genisto hystricis- Quercetum rotundifoliae juniperetosum oxycedri*), com comunidades arbustivas de estevais e giestais. No entanto, a pressão humana alterou inexoravelmente a vegetação natural, alterando o equilíbrio entre espécies, introduzindo novas plantas, e criando assim uma cobertura vegetal humanizada.

III. MATERIAL ESTUDADO E METODOLOGIA

O material estudado foi recolhido durante os trabalhos de escavação realizados em 2000-2001, sob a direcção de M.J. Sanches (co-dir. M.M.S. Silva e S.A. Nunes) (cf. relatórios de escavação). As recolhas efectuaram-se mediante a flutuação dos sedimentos, método considerado como o mais eficaz.

As 26 amostras (c.1270 fragmentos) analisadas da Mamoá da Alagoa foram recolhidas:

- na couraça (6 amostras),
- no corredor intratumular (7) que consiste numa pequena depressão alongada moldada na argila do tumulus
 - no átrio (1),
 - no contraforte (5),
 - na câmara poligonal alargada formada por 9 esteios (2)
 - no corredor ortostático (5), que apresenta uma contrafortagem formada por lages dispostas em “escama” e um solo de seixos rolados e areão.

No que diz respeito à Mamoá do Castelo as 16 amostras estudadas (total de 927 fragmentos) foram recolhidas:

- na couraça (4 amostras),
- no átrio – espaço demarcado por uma fiada de pequenas pedras e seixos, em frente ao corredor intratumular (3 amostras),
 - no corredor intratumular – depressão alongada moldada em argila (8 amostras)
 - no vestibulo, formado no espaço entre dois esteios assentes em comprimento (1 amostra)

Nem todas as amostras, recolhidas durante o trabalho de campo, foram analisadas, devido a falta de tempo. Com o material seleccionado pretendeu-se ter uma visão de conjunto, e obter dados estatisticamente fiáveis.

Os fragmentos de carvão foram identificados mediante utilização do microscópio à reflexão, e graças à comparação do material arqueológico com atlas de anatomia da madeira (Schweingruber, 1990) e com material de uma colecção de referência actual do Centre de Bio-archéologie et d'Ecologie, Univ. Montpellier II (França).

IV. RESULTADOS E INTERPRETAÇÃO

IV.1. Mamoa da Alagoa

A lista taxonómica identificada inclui (ordem alfabética):

Alnus cf. *glutinosa*, (Amieiro), *Arbutus unedo* (Medronheiro), cf. *Calluna vulgaris* (Queiró), cf. Compositae, Cortiça, *Erica arborea* (Urze branca / Torga), *Erica* sp. (Urze), Ericaceae / Cistaceae, Fabaceae (Leguminosas tipo Giestas), Gimnosperma indet., cf. Labiatae, *Pinus* tipo *sylvestris* (Pinheiro tipo silvestre), *Pinus* sp. (Pinheiro), *Quercus* folha caduca (Carvalho), *Quercus* folha persistente (Azinheira/ Carrasco / Sobreiro), *Quercus suber* (Sobreiro). De assinalar igualmente a presença de uma planta Indeterminada.

Os resultados quantitativos são apresentados no quadro 1. Como podemos observar as urzes dominam. Elas estão presentes em 19 das 26 amostras analisadas (Fig. 1). Fragmentos de cortiça são assinalados em 14 das amostras. Os outros taxa são identificados mais esporadicamente.

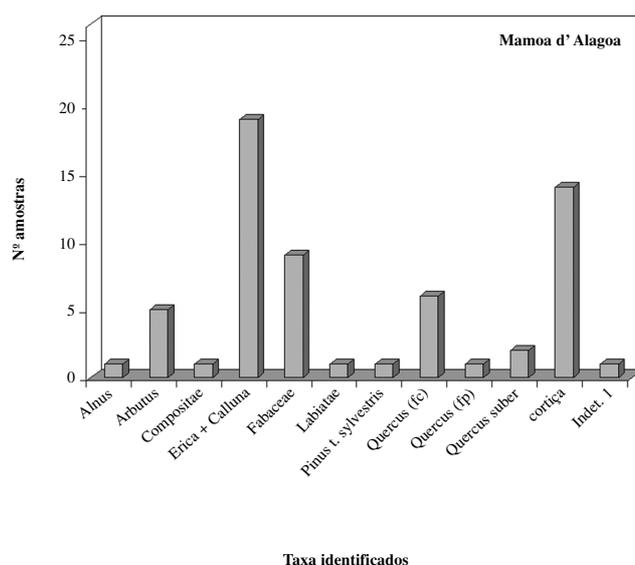


Figura 1: Ubiquidade dos taxa na mamoa d' Alagoa. As urzes e a cortiça são os elementos mais frequentes (identificados num número elevado de amostras).

A presença constante das urzes e as frequências absolutas atingidas poderão reflectir a importância real destas plantas na área envolvente do monumento. A grande abundância de cortiça (sobretudo no encerramento do corredor e na construção do contraforte) é de sublinhar. Tanto quanto sabemos trata-se de um caso único em Portugal. A interpretação desta abundância é, de momento, problemática. A cortiça poderia ter sido utilizada na confecção de “contentores” ou como material de construção (na cobertura ou no solo do monumento). De momento é-nos impossível privilegiar uma hipótese. A cortiça não teria sido utilizada como fonte de iluminação nem como combustível uma vez que não arde verdadeiramente mas emite muito fumo. De referir que nalgumas das amostras nem todos os pequenos fragmentos de cortiça foram contados, dada a sua grande abundância (Quadro 1).

Algumas amostras merecem um destaque especial.

- O vaso in situ encontrado no corredor – quadrado L11, complexo Lx.36 (amostra MA/ZN-01-48) poderá ter eventualmente um carácter simbólico; no entanto os taxa identificados no sedimento do seu interior são os mesmos que os identificados na maioria das amostras.

- Por outro lado, material recolhido em contextos menos evidentes, parece reflectir um comportamento “ritual”. No caso deste monumento, a amostra recolhida na área limite entre a câmara e o corredor (quadrado L11, Complexo Lx. 35) aparece como particularmente sugestiva (amostra MA/ZN-01-39). Num monumento onde a lista taxonómica identificada nas diversas áreas é dominada pelas urzes, com identificações esporádicas de Fabaceae, *Arbutus* e *Quercus*, a amostra em questão inclui, os taxa já mencionados acrescidos de *Pinus* tipo *sylvestris*, *Alnus*, Labiatae e uma espécie indeterminada (de um pequeno arbusto lenhoso). O taxon *Pinus* tipo *sylvestris* inclui habitualmente três espécies de pinheiro de montanha, com caracteres anatómicos muito similares: *Pinus sylvestris*, *Pinus nigra*, *Pinus uncinata*. No nosso caso, os elementos observados permitem excluir *Pinus uncinata*, espécie considerada aliás como não espontânea em Portugal. Das duas espécies restantes apenas *Pinus sylvestris* é considerado nativo pelos fito-sociólogos. Recordamos, que actualmente *Pinus sylvestris* não cresce espontaneamente na região; trata-se mesmo de uma espécie em vias de extinção em Portugal (FRANCO e AFONSO, 1982). Os povoamentos de *Pinus sylvestris* existentes actualmente em Trás-os-Montes são artificiais. Com efeito, esta espécie tem sido utilizada na arborização dos baldios serranos. No que diz respeito ao amieiro (*Alnus*) é uma árvore que cresce normalmente ao longo dos cursos de água.

A riqueza taxonómica desta amostra não nos parece fortuita; um significado especial poderia ser reservado a esta zona em particular.

IV.2. Mamoa do Castelo

Os taxa identificados neste monumento são (por ordem alfabética):

Cf. *Calluna vulgaris* (Queiró), Cortiça, *Erica arborea* (Urze branca/ Torga), *Erica* sp. (Urze), Ericaceae, Fabaceae (Leguminosas tipo Giestas), *Quercus* (folha caduca), *Quercus* (folha persistente), *Taxus baccata* (Teixo).

Os resultados quantitativos são apresentados no Quadro 2. Como podemos ver as urzes (*Erica* + *Calluna*) dominam, estando presentes em 15 das 16 amostras analisadas (Fig. 2). As fabáceas do tipo giestas são identificadas em 7 das amostras. Fragmentos de cortiça são assinalados em 5. As concentrações mais importantes de cortiça ocorrem nos complexos Lx. 20.1 e Lx. 6.1., os quais correspondem ao encerramento intencional, com realização de fogo, da depressão criada pelo vestíbulo e corredor intratumular. Os outros taxa aparecem mais esporadicamente. As diferentes amostras fornecem dados relativamente homogéneos.

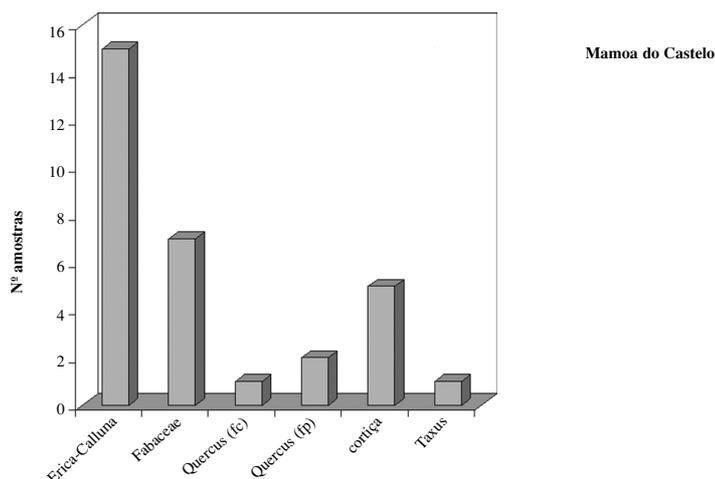


Figura 2: Ubiquidade dos taxa na mamoas do Castelo. As urzes e as fabáceas são os elementos mais frequentes no conjunto das amostras.

De sublinhar a presença do teixo, uma conífera de montanha, actualmente em vias de extinção em Portugal (amostra MC/ZN-00-33.2, complexo Lx. 6). A sua presença, numa amostra proveniente da condenação do corredor intratumular, poderia ter eventualmente uma conotação especial. Trata-se com efeito de uma árvore tóxica, utilizada, segundo Silo (citado por Schulten, 1958-61), como veneno, pelas populações do norte da Península Ibérica que não aceitavam a velhice. Florio (citado por Schulten, ibidem) descreve igualmente a morte voluntária dos Cântabros que defendiam o Mons Medillius (Rio Minho) dizendo que eles se mataram em combate ou com veneno obtido do teixo. Lembramos que as folhas do Teixo são tóxicas para os animais, sobretudo quando secas, e as sementes são venenosas para o Homem. Trata-se de uma árvore conotada com a morte, e assim bem apropriada no contexto de monumentos funerários.

V. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

A comparação entre os dois monumentos mostra claramente que a Mamoas da Alagoa apresenta a lista taxonómica mais importante. O número mais elevado de amostras estudado poderá ter contribuído para este facto.

Como já foi assinalado, as urzes são muito abundantes na maioria das amostras provenientes dos dois monumentos. Pensamos que esta abundância não é fortuita. Três hipóteses explicativas deverão ser consideradas:

- Tendo em conta o tipo de monumento, poderemos pensar que as urzes teriam um carácter simbólico ou que seriam escolhidas em função do período de floração; ou seja os monumentos teriam sido erigidos no momento em que as urzes estariam em flor.

- As urzes teriam sido escolhidas uma vez que o seu lenho propaga eficazmente o calor

- A abundância de restos de urzes poderá corresponder a uma importância real destas plantas, o que contrasta, é claro, com o que acontece actualmente nas imediações. Lembramos que os dois monumentos se encontram implantados em áreas ocupadas pelo pinheiro bravo, espécie ausente das nossas amostras. A abundância de urzes seria assim testemunho de um meio ambiente aberto, e da existência de áreas desprovidas de vegetação arbórea significativa.

Esta última, é a hipótese explicativa que favorecemos. Na realidade, frequências relativamente elevadas de urzes foram igualmente assinaladas noutros contextos megalíticos de Trás-os-Montes (Mamoas

da Pedreira) assim como em contextos habitacionais contemporâneos (Cemitério de Mouros, Buraco da Pala, Cunho e Barrocal Alto (FIGUEIRAL 1990-91, 1991; FIGUEIRAL e SANCHES 1998-99). Se pusermos lado a lado os dados da Mamoa do Castelo e os do Buraco da Pala I e II, e Crasto de Palheiros II (cronologia próxima, entre os finais do 4º e os meados do 3º mil. AC), podemos ver que há um denominador comum que são as urzes; O mesmo acontece com a Mamoa da Alagoa e o Buraco da Pala IV (cronologia próxima, no 5º-meados do 4º mil. AC). Torna-se assim evidente, que as urzes (assim como outras espécies heliófilas) eram um componente essencial da vegetação do Alto Douro e Trás-os-Montes, e isto desde épocas bastante recuadas (Neolítico inicial). Resultados similares foram igualmente obtidos a sul do Douro (Figueiral, relatório inédito). No que diz respeito aos monumentos megalíticos do NW, as urzes são substituídas pela Fabáceas, que testemunham a existência de terrenos abertos colonizados por uma vegetação arbustiva (VERNET e FIGUEIRAL, 1993). Torna-se assim evidente e de acordo com dados polínicos recentes do noroeste da Península Ibérica, que a ideia da existência de uma floresta contínua a perder de vista antes da chegada dos Romanos, nada mais é que um mito, que é necessário combater (RAMIL REGO e FERNANDEZ RODRIGUEZ, 1999).

REFERÊNCIAS CITADAS

FIGUEIRAL, I. (1991), Buraco da Pala: um meio-ambiente vegetal explorado pelo homem. Resultados da análise antracológica. *Actas do 2º Encontro sobre Paléocologia e Arqueologia, Vila Nova de Famalicão*, Portugal, Set. 1990, p. 13-30.

FIGUEIRAL, I. (1990/91), Mamoa 1 da Pedreira. Resultados antracológicos. In SANCHES, M.J., BOTELHO, I.T., SILVA, M.S., Mamoa 1 da Pedreira, S. Pedro de Vale do Conde (Marmelos, Mirandela) - escavação de emergência. *Portugalia*, Nova série, XI-XII, 51-52.

FIGUEIRAL, I., SANCHES, M.J. (1998-99), A contribuição da antracologia no estudo dos recursos florestais de Trás-os-Montes e Alto Douro durante a Pré-História recente. *Portugalia*, XIX-XX, 71-101.

FRANCO, J.A., AFONSO, M.L.R. (1982), *Distribuição de Ptéridofitos e Gimnospérmicas em Portugal*. Col. Parques Naturais, 14, Serv. Nac. Parques, Res. e Patrim. Pais., Lisboa, 327.

SANCHES, M. J. e NUNES, S.A. (2004), Resultados da escavação da Mamoa d'Alagoa (Toubres-Jou) - Murça (Trás-os-Montes), *Portugalia*, Nova série, XXV, DCTP-FLUP (em publicação nesta revista)

SANCHES, M. J. e NUNES, S.A. (2005), A Mamoa do Castelo (Jou) Murça (Trás-os-Montes): resultados dos trabalhos de escavação e de restauro dum dólmen de vestíbulo, *Estudos Pré-históricos*, 12, CEPBA (no prelo).

RAMIL REGO, P., FERNANDEZ RODRIGUEZ, C. (1999), La explotación de los recursos alimenticios en el Noroeste Ibérico. In GARCIA QUINTELA, M.V. (Dir.) *Mitología y mitos de la Hispania Preromana (III)*, Ed. Akal, S.A., Madrid, pp. 296-342.

SCHULTEN, A. (1958-61), *Geografía y Etnografía antiguas de la Península Iberica*. Madrid.

SCHWEINGRUBER, F. (1990), *Anatomie europäischer Hölzer. Ein Atlas zur Bestimmung europäischer Baum,- Strauch- und Zwerstrauchhölzer*. Haupt, Stuttgart.

VERNET, J.L., FIGUEIRAL, I. (1993), The highlands of Aboboreira (North-West Portugal): ecological conditions from Middle / Late Neolithic to Early Bronze age. Evidence from charcoal analysis. *Oxford Journal of Archaeology*, 12 (1), 19-28.

ZAPATA, L., FIGUEIRAL, I. (2003), Carbones y semillas en los yacimientos dolménicos: posibilidades y límites del análisis arqueobotánico, In BUXO, R. e PIQUE, R.(dir) *La recogida de muestras en Arqueobotánica: objetivos y propuestas metodológicas. La gestión de los recursos vegetales y la transformación del paleopaisaje en el Mediterráneo occidental*. Museu d'Arqueologia de Catalunya, Barcelona, pp. 55-65.

Quadro 1: Mamoa da Alagoa - Frequências absolutas dos taxa. De notar a diversidade taxonómica da amostra MA/ZN-01-39 -Cor.

Nº inventário	Quadrado	Complexo	Observações e Coordenadas	Taxa/Nº fragmentos
MA/SN-00-8-C	O11		sanja norte	<i>Erica arborea</i> - 30
MA/SW-00-10-C	K8	Lx. 7	sanja oeste	<i>Erica arborea</i> - 13 <i>Erica</i> sp. - 17 Ericaceae / Cistaceae - 2 Fabaceae - 1 Indetermináveis - 7
MA/SS-00-5-C	H10	Lx. 10	sanja sul (14C)	<i>Erica arborea</i> - 97 <i>Erica</i> sp. - 3
MA/SE-01-1-C	H12	Lx. 30	quadrante sudeste	<i>Erica arborea</i> - 57 <i>Erica</i> sp. - 2 Ericaceae / Cistaceae - 3 Indetermináveis - 3
MA/SS-01-45-C	J13	Lx. 30	quadrante sudeste	<i>Erica arborea</i> - 32 <i>Erica</i> sp. - 13 Ericaceae - 2 Ericaceae / Cistaceae - 1 Fabaceae - 2
MA/SE-01-46-C	J14	Lx. 30	couraça	<i>Erica arborea</i> - 41 <i>Erica</i> sp. - 6 Indetermináveis - 3
MA/ZN-01-12-A	M14	Lx. 20	X = 145-190, Y = 26-140 frente entrada corredor intratumular	<i>Erica arborea</i> - 47 <i>Erica</i> sp. - 2 Indetermináveis - 1
MA/ZN-01-25-CI	L12	Lx. 5.1	X = 130, Y = 185 Z = 105 condenação corredor intratumular	Cortiça 8 grandes pedaços (>6cm) 34 fragm. dim. médias (>2,5cm) inúmeros fragm. (<2cm)
MA/ZN-01-19-CI	L12	Lx. 5.1	X = 148, Y = 191 Z = 116 frente entrada corredor	Cortiça mais de 50 fragmentos de todas as dimensões
MA/ZN-01-16-CI	L13	Lx. 5.1	X = 0 - 80 Y = 120 - 200 Z = 120 corredor intratumular	cf. <i>Calluna vulgaris</i> - 1 <i>Erica arborea</i> - 36 <i>Erica</i> sp. - 18 Ericaceae / Cistaceae - 3 <i>Quercus</i> (folha caduca) - 2 <i>Quercus</i> sp. - 2 Indetermináveis - 8
MA/ZN-01-3-CI	M12	Lx. 5.1	X = 100 - 170 Y = 35, Z = 113 cond. corredor intratum. (nível inferior)	Cortiça mais de 250 peq. fragmentos <2,5cm
MA/ZN-01-24-CI	M12	Lx. 5.1	X = 110, Y = 19 Z = 113	Cortiça mais de 60 fragmentos média / pequena dimensão
MA/ZN-01-22-CI	M13	Lx. 5.1	X = 130 - 200 Y = 39 - 50, Z = 106 cond. corr. intratum. (nível inferior)	Cortiça - 1 <i>Erica arborea</i> - 32 <i>Erica</i> sp. - 29 Ericaceae / Cistaceae - 1 Fabaceae - 2 Indetermináveis - 5
MA/ZN-01-15-CI	L13	Lx. 5.1	X = 130 - 200 Y = 130 - 170 Z = 109 condenação corr. intratumular	cf. <i>Calluna vulgaris</i> - 1 <i>Erica arborea</i> - 11 <i>Erica</i> sp. - 37 Ericaceae - 1 Ericaceae / Cistaceae - 1 Fabaceae - 1 <i>Quercus</i> (folha caduca) - 4 <i>Quercus</i> (folha persistente) - 2 <i>Quercus suber</i> - 1 Indetermináveis - 1

PORTUGALIA

MA/ZN-01-2-Cor	L11	Lx.36	terra junto do vaso inteiro condenação corredor (zona A)	<i>Arbutus unedo</i> - 1 cf. <i>Calluna vulgaris</i> - 4 cf. Compositae - 1 Cortiça - 2 <i>Erica arborea</i> - 19 <i>Erica</i> sp. - 49 Fabaceae - 2 Indetermináveis - 2
MA/ZN-01-48-Cor	L11	Lx.36	dentro do vaso	cf. <i>Calluna vulgaris</i> - 4 Cortiça - 5 <i>Erica arborea</i> - 12 <i>Erica</i> sp. - 96 Ericaceae / Cistaceae - 3 Fabaceae - 3 Indetermináveis - 7
MA/ZN-01-39-Cor	L11	Lx.35	interface câmara / corredor (14C)	<i>Alnus</i> cf. glutinosa - 1 <i>Arbutus unedo</i> - 2 <i>Erica arborea</i> - 13 <i>Erica</i> sp. - 50 cf. Labiatae - 2 Fabaceae - 1 <i>Pinus</i> tipo sylvestris - 19 <i>Pinus</i> sp. - 11 Gimnospérmica - 5 <i>Quercus</i> (folha caduca) - 9 <i>Quercus</i> sp. - 1 Indeterminada - 1 Indetermináveis - 10
MA/ZN-01-41-Cor	L11	Lx. 32.1	enchimento corredor X = 10 / 155 Y = 55 / 136 Z = 108	Cortiça - 5 <i>Erica arborea</i> - 15 <i>Erica</i> sp. - 58 Fabaceae - 2
MA/ZN-01-42-Cor	L11	Lx 32.3	enchimento corredor zona leste X = 75 / 10 Y = 100 / 70 Z = 122	<i>Arbutus unedo</i> - 16 <i>Erica arborea</i> - 6 <i>Erica</i> sp. - 10 Fabaceae - 3 Indetermináveis - 1
MA/ZN-01-35-CM	L10	Lx 35	base da câmara Z = 134	<i>Erica arborea</i> - 8 <i>Erica</i> sp. - 51 <i>Quercus</i> (folha caduca) - 1 <i>Arbutus unedo</i> - 11 <i>Erica arborea</i> - 13 <i>Erica</i> sp. - 19
MA/ZN-01-40-CM	L10/L11	Lx. 35	câmara, por baixo da lage horizontal (terra das contas) (14C)	Ericaceae / Cistaceae - 4 <i>Quercus</i> (folha caduca) - 4 <i>Quercus suber</i> - 4 <i>Quercus</i> sp. - 2 Cortiça - 8 Indetermináveis - 10
MA/ZN-00-27-Con	K11	Lx. 21	contraforte	Cortiça - mais de 20 fragmentos de peq. dimensão
MA/ZN-00-28-Con	K11	Lx. 21	contraforte	Cortiça - mais de 200 fragmentos de média e peq. dimensões Ericaceae - 3 <i>Erica arborea</i> - 3 <i>Quercus</i> (folha caduca) - 1 Indetermináveis - 2
MA/ZN-00-29-Con	K11	Lx. 21	X = 170, Y = 100 Z = 112 contraforte	Cortiça - mais de 50 fragmentos de todas as dimensões
MA/ZN-00-33-Con	K11	Lx. 3 (21)	X = 40, Y = 140 contraforte	Cortiça - mais de 50 fragmentos de todas as dimensões
MA/ZN-01-30-Con	L11	Lx.34	Contraforte do estejo 3 (14C)	<i>Arbutus unedo</i> - 10 <i>Erica arborea</i> - 9 <i>Erica</i> sp. - 63 Cortiça - 13 Indetermináveis - 5

Quadro 2: Mamoa do Castelo - Frequências absolutas dos taxa

Nº inventário	Quadrado	Complexo	Observações Coordenadas	Taxa/Nº fragmentos
MC/SW-00-3-C	J6	Lx.4	queimada na couraça	<i>Erica arborea</i> - 37 <i>Erica sp.</i> - 3
MC/SN-00-7-C	N10	Lx.4	queimada na couraça sanja norte	cf. <i>Calluna vulgaris</i> - 1 <i>Erica arborea</i> - 14 <i>Erica sp.</i> - 33 Indetermináveis - 2
MC/SN-00-41-C	M10	Lx.4.2	queimada na couraça (14C)	<i>Erica arborea</i> - 61 <i>Erica sp.</i> - 42 Fabaceae - 2 <i>Quercus</i> (folha caduca) - 2 Indetermináveis - 3
MC/SW-00-45-C	J6	Lx.4.1	X = 80-120; Y = 130-175; Z = 152 queimada na couraça sanja oeste	<i>Erica arborea</i> - 13
MC/ZN-00-25-A	G16	Lx.19	átrio	<i>Erica arborea</i> - 37 <i>Erica sp.</i> - 3
MC/ZN-00-30-A	H15	Lx.19.1	átrio	Cortiça - 8 <i>Erica arborea</i> - 5 <i>Erica sp.</i> - 20 Ericaceae - 2 Fabaceae - 8 <i>Quercus</i> (folha persistente) - 2
MC/ZN-00-47-A	G15	Lx.19.1	átrio	<i>Erica arborea</i> - 41 <i>Erica sp.</i> - 5 Fabaceae - 10 <i>Quercus</i> (folha persistente) - 1 Indetermináveis - 3
MC/ZN-00-33.2-CI	J12	Lx. 6	condenação do corredor intra-tumular (14C)	<i>Erica arborea</i> - 51 <i>Erica sp.</i> - 8 <i>Taxus baccata</i> - 2 Indetermináveis - 4
MC/ZN-00-28.1-CI	J11	Lx. 20.1	interface corredor intra-tumular e tumulus	Cortiça 6 frag. de grandes dimensões 20 frag. de dimensões médias mais de 60 pep. frag. <i>Erica arborea</i> - 1 raiz (<i>Quercus</i> ?) - 1
MC/ZN-00-42-CI	H11	Lx.12 (no Lx. 6)	concentração	<i>Erica arborea</i> - 28 <i>Erica sp.</i> - 20 Fabaceae - 1 Indetermináveis - 1
MC/ZN-00-38-CI	H11/12	Lx.18	tronco sobre laje vestibulo	<i>Erica arborea</i> - 26
MC/ZN-00-23.1-CI	J10	Lx. 6.1	condenação corredor intra-tumular pelo ext. laje 7	Cortiça 23 frag. peq. e média dimensão Cortiça - 4 <i>Erica arborea</i> - 11 <i>Erica sp.</i> - 36
MC/ZN-00-49-CI	H11	Lx.11	condenação do corredor intratumular pelo esteio-laje nº7 (14C)	Fabaceae - 14 <i>Erica arborea</i> - 14 <i>Erica sp.</i> - 15 Indetermináveis - 1
MC / ZN-00-36-CI	H11	Lx.10(b)	sobre as lajes do vestibulo Z = 45	<i>Erica arborea</i> - 2 <i>Erica sp.</i> - 94 Fabaceae - 2 Indetermináveis - 2
MC/ZN-00-31.3-V	J11	Lx.24	base do vestíbulo condenação (14C)	Cortiça - 2 <i>Erica arborea</i> - 17 <i>Erica sp.</i> - 85 Fabaceae - 16

